

## CARDÁPIO INTERNACIONAL

Apesar de percalços,  
Brasil se mantém  
como alvo de  
importação e  
exportação



## DIRETO DA PRODUÇÃO

A luta da pesca:  
sem subsídio,  
sem peixe e sem  
exportação



# seafood brasil

5 anos

www.seafoodbrasil.com.br

#24 - Abr/Jun 2018  
ISSN 2319-0450

Mala Direta  
Básica

9912344381/2014  
DR/SPM

SEAFOOD BRASIL



## Marcha dos paulistas

Com regularização em  
andamento, aquicultores  
investem em tecnologia  
para ganhar escala e  
melhorar margens

### Entrevista

# Alternância de poder

Chegada de Cristiano Maia interrompe sequência de Itamar Rocha à frente da ABCC e abre espaço para maior diálogo com Mapa, frigoríficos e restaurantes

**Q**uem acompanha a carcinicultura brasileira não consegue dissociar a **Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC)** da figura de **Itamar Rocha**. Mas desde março deste ano a entidade está sob o comando oficial de Cristiano Maia, proprietário do **Grupo Samaria e da Potiporã**, que foi vice de Rocha e presidente da entidade cearense por muitos anos. O próprio empresário reconhece que o seu nome surgiu como parte de uma solução negociada pela diretoria para apaziguar os ânimos, muito acirrados desde o processo que a entidade move contra a União por

ocasião da abertura às importações do crustáceo sem **Análise de Risco de Importação (ARI)**.

Neste aspecto, a entidade conseguiu vitória recente, com a suspensão de liminar que autorizava as exportações de camarão do Equador pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A nacionalização do produto agora volta a depender de uma Análise de Risco de Importação (ARI) contemporânea. "Seja quem queira exportar ao Brasil, deverá fazer ARI", diz Maia. O pedido, deferido pela ministra e presidente do STF, Cármen Lúcia, aponta até "risco à saúde pública", mas se

baseia no princípio da precaução. Os equatorianos irão recorrer (leia mais nesta edição), mas enquanto isso a ABCC se reorganiza.

**Leia a decisão na íntegra neste link:**  
[http://bit.ly/STF\\_camarao](http://bit.ly/STF_camarao)

#### **1** Por que a mudança na ABCC?

No último ano vínhamos sentindo um certo desgaste da presidência com o Ministério da Agricultura, até por conta desta posição [de Itamar] no cargo por muitos anos. Por isso, reunimos os produtores e achamos que uma troca na presidência poderia melhorar o relacionamento dentro do Mapa, já que o setor vinha sentindo um certo afastamento.



## “Acredito que, com o investimento em melhoramento genético, em 2019 devemos atingir 100 mil toneladas [produzidas em todo o País]”

Nós, além da produção direta, temos os frigoríficos e beneficiamos o camarão, estamos sujeitos ao Mapa. Então criamos um grupo de 12 maiores produtores e chegamos à conclusão de que seria importante a alternância.

### **2** O sr. é um grande empresário do segmento. Como vai conciliar as agendas?

São dois anos de mandato, temos várias frentes. Já presido a associação cearense e tenho muitas outras atividades, mas montamos uma diretoria muito ativa. Os diretores regionais também são muito ativos: vamos nos reunir todo mês e iremos delegar para a área de cada um, sempre sob o nosso comando. Outras funções iremos terceirizar. Na feira de Bruxelas, por exemplo, tivemos um consultor para pesquisar e abrir mercados, pois **temos a intenção de retomar a exportação no segundo semestre.**

Os europeus querem frequência na entrega, não é um contrato *spot*. Não se pode mandar um contêiner e depois desistir. Para conquistar o mercado é difícil. Hoje o maior concorrente mundial é a Índia. Lá o salário fica em 1 dólar por dia. **Tenho mais medo da Índia do que do Equador.**

### **3** Apesar da queda drástica dos preços na porta da fazenda, o Brasil ainda não é competitivo lá fora. O que fazer para melhorar isso?

Temos procurado enxugar até onde dá para diminuir o custo de produção. Em cada ciclo temos diminuído mais, porque queremos chegar ao preço de mercado internacional. Temos que produzir em um valor para produzir e competir lá fora. Um dos maiores investimentos é em um camarão que cresça rápido, para encurtar o prazo dele no viveiro. Para um camarão de 10 gramas é pelo menos 90 dias, mas já estamos chegando a 70 dias. **Acredito que, com o investimento em melhoramento genético, em 2019**

**devemos atingir 100 mil toneladas [produzidas em todo o País].** Há muita gente entrando na atividade e frigoríficos devem ser reabertos ou inaugurados, pois não haverá estrutura suficiente para a produção interna e para exportação.

### **4** Ainda que possamos atingir este patamar, ficaremos muito atrás de outros países. Segundo a ABCC, a área total para cultivo de camarão no Brasil subiu de 4.320 hectares em 1998 para 25 mil hectares em 2016. O Equador tem 10 vezes mais área. Por que não crescemos mais?

Até estranhamos que o Equador produza 450 mil toneladas. Mas no início a exigência ambiental era muito difícil. Antes colocar uma fazenda para rodar era preciso tirar três licenças: prévia, de instalação e de operação. Aí vem exigências de APP [área de preservação permanente], reserva legal e a burocracia dentro do licenciamento. Existem muitas fazendas no Brasil sem licença, porque não conseguem se legalizar. Quase 90% é por conta disso. E muita gente não está nas informações oficiais.

**Em 2017 houve um aumento de 10% na produção para cerca de 70 mil toneladas. Estimamos 85 mil em 2018 e 100 mil em 2019 pela projeção de fazendas novas e sem a mancha branca.** Com a mancha branca, a produtividade por hectare diminuiu muito. Em regime extensivo tem que ser ao menos 1000 kg por hectare por ciclo, senão o produtor fica no vermelho. Na minha fazenda no Ceará tínhamos 6 mil kg/hectare, agora estamos em 4 mil kg/hectare.



### **5** O sr. concorda que exista uma demanda reprimida por camarão no Brasil? A produção nacional dá conta disso?

Quando a gente sofreu o *anti-dumping* em 2003, ficamos sem chão. Naquela época, o consumo nacional era de 100 g *per capita*/ano. Depois de uma campanha nacional em que fizemos oferta de camarão barato por seis meses em 2007, com preço de R\$6 o kg, o consumo passou para 500 g *per capita*/ano. No ano passado, voltamos ao consumo de 300 g *per capita*/ano.

O Brasil precisa comer mais camarão. O interior de São Paulo, por exemplo, come muito pouco camarão. Queremos aumentar o consumo e, para isso, vamos contratar uma consultoria e fazer campanhas. Com os preços voltando a um preço mais acessível, o camarão voltará a ser uma das bandejas que mais se repetem na fila dos restaurantes.

Precisamos convencer os produtores de que os custos são altos e de que terão de melhorar a produtividade, para então baixar mais o preço e estimular o consumo. Só com uma genética melhor, podemos fazer em 70 dias um camarão de 10 g. O teto internacional hoje para este tamanho é de US\$ 5,80, então na porteira terá de ser R\$ 15. ☺

